

O TEU ROSTO SERA' O ÚLTIMO

Prémio *LeYa* 2011

**JOÃO
RICARDO
PEDRO**



Ficha Técnica

Título: *O Teu Rosto Será o Último*

Autor: João Ricardo Pedro

Capa: Rui Garrido

Fotografia do autor: Miguel Manso

Editora: Maria do Rosário Pedreira

ISBN: 9789896602109

Texto Editores, Lda.

Uma chancela do grupo Leya

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide - Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2012, João Ricardo Pedro e Leya, SA

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

Leya, SA

Rua Cidade de Córdoba, n.o 2

2610-038 Alfragide • Portugal

www.leya.com

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

Para a Isabel

Primeira Parte

O olho de vidro

Uma coisa parecia certa: no dia vinte e cinco de abril de mil novecentos e setenta e quatro, faltaria ainda um bom bocado para as sete da manhã, Celestino apertou a cartucheira à cintura, enfiou a *Browning* a tiracolo, verificou o tabaco e as mortalhas, esqueceu-se do relógio pendurado num prego que também segurava um calendário e saiu porta fora. O céu começava a clarear. Ou talvez nem sequer tivesse começado a clarear. Por cima das sopas de café com leite, Celestino emborcara, sem esforço, dois tragos de bagaço. O primeiro, para a azia. O segundo, para os pensamentos cismáticos, que ele, como, aliás, todos os traços fisionómicos sugeriam, era homem dado a prolongadas melancolias.

Por volta das onze horas da manhã, nenhum vento de mudança fora ainda sentido por aqueles que viviam da cruel aritmética dos alqueires, dos cinchos, das safras, das luas, das maleitas, das malinas, das geadas. Nos campos, homens e mulas rasgavam a terra em irrepreensíveis geometrias, enquanto, na penumbra dos currais, embaladas por ladainhas que os próprios lábios iam tecendo, as mulheres atestavam as gamelas dos porcos, das cabras, dos filhos. E, se alguém tivesse o desplante de interromper os seus laboriosos afazeres para lhes comunicar que, naquele preciso momento, o Presidente do Conselho de Ministros de Portugal se encontrava encurralado num quartel de Lisboa, cercado por soldados que exigiam a sua rendição, o mais certo seria obter como resposta um olhar de absoluta indiferença.

É que naquela pequena aldeia com nome de mamífero, encalacrada num sopé da Serra da Gardunha, voltada para sul sem consciência de que estava voltada para sul, a única exceção àquele total alheamento acerca dos destinos da pátria, como se a pátria fosse um lugar longínquo, era a casa do doutor Augusto Mendes, onde, numa espécie de gabinete de crise, se encontravam reunidas as suas mais ilustres personalidades: Adolfo, Bocalinda, Larau, padre Alberto, Fangaias e, claro está, o anfitrião, o doutor Augusto Mendes.

Dona Laura, ao ver a casa encher-se de bocas - e pressentindo que isso de golpes de Estado era coisa para levar o seu tempo -, apressou-se, de faca e alguidar, em direção às capoeiras, donde regressou com as duas primeiras vítimas da revolução. E ainda não tinham soado as duas da tarde quando, num exercício ostensivo de poder, como se quisesse deixar bem claro que o que quer que estivesse a acontecer no País, ali em casa tudo permaneceria na mesma, desligou o rádio e a televisão, abriu as portadas que davam para o jardim e anunciou que a canja estava na mesa.

«Coma, que a hortelã faz-lhe bem ao ânimo», disse ela ao padre Alberto, aquele que, de entre os ilustres, se mostrava mais apreensivo com o desenrolar dos acontecimentos. Não os acontecimentos políticos, que a política nunca lhe interessara. A César o que era de César, e a Deus o que era de Deus. Interessavam-lhe os homens e as almas dos homens, o que já não era coisa pouca. E, se era verdade que nunca nutrira especial simpatia pelo doutor Oliveira Salazar, bem pelo contrário, a coisa mudava de figura quando se tratava de Marcello Caetano: o professor, o viúvo, o pai. O pai da menina Ana Maria, essa joia de moça. Porque era o pai da menina Ana Maria quem, desde madrugada, se encontrava refugiado no quartel do Carmo, sabia-se lá em que condições. Já não era o Presidente do Conselho de Ministros, muito menos o Ministro das

Colónias ou o Comissário da Mocidade Portuguesa. Era o pai da menina Ana Maria.

«Um homem só», dizia o padre, «um homem bom, um homem que se percebia que andava cansado de acartar um império inteiro às costas».

No extremo oposto da tribuna, encontrava-se o Larau, cujo ânimo, desde que nascera, permanecia em constante exaltação, fossem revoluções, bilhares às três tabelas ou procissões de sábado aleluia. E a visão da canjinha a fumegar não só lhe aguçara o apetite, como lhe aprimorara o verbo. Assim, sempre que o nome Marcello Caetano vinha à baila, coisa que acontecia, pelo menos, de três em três minutos, o Larau fazia questão de lhe acrescentar um majestoso e sonoro epíteto: «Putá que o pariu e filho de um *granda* corno.» Ao que se seguia, perante o olhar severo de dona Laura, um contrito «Deus me perdoe», acompanhado do respetivo sinal da cruz.

Mas, entre os excessos do Larau e as apreensões do padre Alberto, ninguém sabia com clareza o que se estava a passar em Lisboa, nem a situação em que se encontrava Marcello Caetano. E, nesse território de dúvidas, lançavam-se para a mesa os mais curiosos palpites: que tinha sido assassinado logo às primeiras horas da madrugada; que já estava morto havia vários dias; que já tinha dado à sola e todo aquele escarcéu no Largo do Carmo era pura encenação; que os revoltosos não sabiam o que fazer com o corpo, era sempre assim, tudo tratadinho, tudo a correr como o previsto e, depois, vai-se a ver e ninguém sabe o que fazer com o corpo, se exhibi-lo em praça pública, se deitá-lo discretamente ao Tejo, atado a correntes de ferro e pesos de chumbo, se queimá-lo numa fogueira, na Praça do Comércio, uma encrenca, era o que era; que tudo não passava de *bluff* do próprio Marcello Caetano, na esperança de que o povo saísse à rua para o salvar; que, àquela hora, já o Marcelinho estava a beber refrescos de groselha no Sul de Espanha, com os olhos voltados para

Alcácer Quibir; que tudo dependia de quem estivesse por detrás disto, que eram soldados, que muito bem, parece que são soldados. «Mas se os nossos soldados», dizia o Fangaias e com certa razão, «coitadinhos, andam por terras do Ultramar a perder pernas, a perder braços, a perder o juízo, como é que de repente aparecem tantos soldados?». Seriam russos? Americanos? Ingleses? Franceses? E por onde é que eles tinham entrado sem ninguém dar por nada?

«Por mar», respondia o Bocalinda, «claro que entraram por mar. O cabrão do mar que sempre foi e sempre será a nossa desgraça. Mas cabe na cabeça de alguém fazer a capital de um país junto ao mar? Vaidades».

«Nunca houve cabeças no filha-da-puta deste país», rematou o Larau, colocando um ponto final na refeição.

E, já de barriguinhas consoladas, a bebericarem golinhos de café e conhaque, a desfrutarem dos prazeres primaveris que o jardim lhes oferecia, as incertezas continuavam a ser mais do que muitas. Mil e uma hipóteses haviam sido avançadas. Todos os receios. Todas as esperanças, também. Mas, entre os presentes, havia um cuja voz ainda não se fizera ouvir: o doutor Augusto Mendes, o mais ilustre de entre os ilustres. E foi justamente no momento em que todos se voltavam para o distinto anfitrião, na ânsia de lhe ouvir as primeiras palavras, que ao portão da casa apareceu, esbaforida e de credo na boca, a Ressurreição.

A Ressurreição era vizinha do Celestino. Aliás, era mais do que vizinha. Era quem lhe tratava da roupa e da casa e das panelas de sopa. Quem se preparava para o amparar na velhice, recebendo em troca, e apesar da diferença de idades, o afeto e o respeito que nunca conhecera nos homens que lhe haviam enchido a casa de filhos.

«O que te aconteceu?», perguntaram.

E a Ressurreição, depois de recuperar o fôlego, contou que o Celestino não viera almoçar. Que já dera a volta a tudo: da fonte salgada até ao chão do Humberto, do lugar

do Barba Ruiva até ao cemitério antigo. E que agora, depois de lhe vasculhar a casa mais uma vez, é que dera conta de que a espingarda também desaparecera. Porque é que o homem haveria de sair de espingarda em abril?

Nenhum dos presentes lhe soube responder, e dividiram-se em três pares: doutor Augusto Mendes e Bocalinda, padre Alberto e Adolfo, Fangaias e Larau. Traçaram uma circunferência imaginária, com centro na casa do Celestino e raio de meia légua. Dividiram a circunferência em três partes iguais. Dentro de cada parte, identificaram os pontos onde, com maior probabilidade, o Celestino se poderia ter enfiado. Marcaram encontro para dali a duas horas e fizeram-se ao caminho.

Galgaram muros e cercas. Vasculharam palheiros e currais. Subiram a montes. Treparam árvores. Assomaram-se a poços e a noras. Encontraram pessoas. Fizeram perguntas. Seguiram pegadas. Cartuchos. Beatas. Voltaram ao centro da circunferência. Alargaram o perímetro. Retomaram as buscas.

Até que, por volta das seis da tarde, enquanto, em Lisboa, o Presidente do Conselho de Ministros, depois de se render ao Movimento das Forças Armadas, saía do quartel do Carmo dentro de uma chaimite a salvo de algum balázio perdido, de algum calhau no meio dos cornos, talvez com a cabeça entre as mãos, contemplando os sapatos, medindo os atacadores, a desfazer e a refazer os nós, talvez de olhos fechados a pensar na puta da vida, o professor Marcello Caetano, o pai da menina Ana Maria, ou talvez a espreitar pela janelinha da chaimite, a espreitar a alegria esfuziante dos soldados, da multidão em bicos de pés, todos pendurados nas árvores como macacos, nos candeeiros de iluminação pública - «País do caralho», talvez estivesse ele a pensar, «País dum filha-da-puta» -, seis da tarde, mais coisa menos coisa, o doutor Augusto Mendes e o Bocalinda, num ermo sem dono, num lugar que jamais lembraria ao Diabo, muito menos ao menino Jesus, encontravam,

tombado no chão, coberto por uma nuvem de moscas, a cara crivada de chumbos, o corpo do Celestino. E só não houve dúvidas de que era quem procuravam por causa do olho de vidro que permanecia intacto sobre a carne desfeita.

A espingarda do Celestino encontrava-se caída, a cerca de três metros do corpo. Num gesto irrefletido, o doutor Augusto Mendes pegou na arma e confirmou que se tratava da estupenda *Browning* de dois canos que ele próprio lhe oferecera, havia mais de vinte anos, e na qual ainda se podia ler, numa inscrição gravada na coronha: «Com admiração e amizade, AM.»

Depois, abriu a culatra e verificou que os dois cartuchos permaneciam incólumes, dentro das câmaras.

«Mataram-no», disse. Ou talvez não tenha dito nada. Talvez tenha apenas pensado: «Mataram-no.»

Voltou a pousar espingarda no mesmo sítio e, virando-se, de repente, para o Bocalinda, pediu-lhe para ir avisar os outros e ligar à GNR. Sem escarcéus. Pianinho. Ele ficaria ali, de vigia ao defunto.

Já anoitecia quando os guardas finalmente chegaram ao local. Com a luz que restava, tiraram medidas, fizeram desenhos, anotaram respostas, embrulharam o corpo e levaram-no, juntamente com a *Browning*.

O padre Alberto encarregou-se de dar a notícia à Ressurreição, coitada, que ainda não fora desta que encontrara o caminho da felicidade. Os restantes ilustres voltaram cada qual para sua casa. Exaustos, combalidos, pesarosos, levando consigo a imagem do Celestino estendido no chão: o rosto desfeito, o olho de vidro a boiar numa amalgama de carne e sangue. Uma nuvem de moscas.

Apesar das insistências da mulher, o doutor Augusto Mendes não quis jantar. Fechou-se na varanda que dava para o jardim e sentou-se no velho cadeirão de verga, como se se preparasse para acender o cachimbo. E acendeu, de

facto, o cachimbo, atento às silhuetas das árvores que recortavam o céu, como fantasmas.

Quarenta anos, pensou. Quase quarenta anos sobre o dia em que, debaixo de uma tempestade medonha, na estrada sulcada pela fúria das águas, um rapaz muito magro, completamente encharcado, chapéu preto vergado ao peso da chuva, nenhuma bagagem nas mãos, assim que avistou gente, caiu por terra, como se andasse há muitas horas, há muitos dias, à procura de uma oportunidade para cair por terra. Foi ali. Teve sorte. Trouxeram-no para o consultório. Deitaram-no na marquesa. Despiram-no. Lavaram-no. Trazia o olho direito tapado com um lenço preto.

O doutor Augusto Mendes levantou o lenço e viu que já não havia olho nenhum. A ferida era recente. Mandou toda a gente sair do consultório.

«Como te chamas?», perguntou-lhe, depois de o tratar.

«Celestino», respondeu o forasteiro.

«O que te aconteceu, Celestino?»

«Azares da vida.»

E, sem mais perguntas, o doutor Augusto Mendes arranjou-lhe um casebre onde dormir durante o período de convalescença, que se adivinhava longo. Também lhe deu roupas, comida e algum dinheiro.

Com o passar dos dias, toda a aldeia se foi acostumando à presença daquela silhueta sinistra, silenciosa, quase indistinguível da própria sombra. Estrada abaixo, estrada acima, ligadura em diagonal à volta da cabeça, um ligeiro enchumaço sobre o olho direito – ou sobre a cavidade que outrora alojara o olho direito –, os dedos compridíssimos, uma certa forma distinta de amortilhar o tabaco, de pendurar o cigarro no canto da boca e de o deixar para ali esquecido, a arder.

Todas as manhãs, o doutor Augusto Mendes mandava-o entrar para o consultório, pedia-lhe que tirasse o casaco, que se sentasse, e, enquanto ia desfiando a ligadura como se fosse um novelo, perguntava-lhe se passara bem a noite,

se dormira, se os cobertores eram suficientes, se ainda tinha lenha, se não entrava água pelo telhado, se sentira dores. Depois, retirava com extremo cuidado as compressas, observava a ferida, avaliava o evoluir da cicatrização, limpava, voltava a cobri-la de compressas, enrolava uma nova ligadura e dizia: «Tudo como deve ser.»

Então, o Celestino vestia o casaco, devolvia o chapéu à cabeça e despedia-se até à manhã seguinte.

Passadas três semanas, no final da consulta, enquanto lavava as mãos, o doutor Augusto Mendes disse: «Celestino, o que havia para fazer, mal ou bem, está feito. O que quer dizer que ainda não é desta que morres, e que podes seguir a tua vida como bem entenderes.»

Por cima do lavatório, existia um pequeno espelho, e o doutor Augusto Mendes reparou que, atrás de si, o Celestino tentava atar um lenço à cabeça, por forma a tapar o buraco sem olho. Mas o lenço era demasiado pequeno e não havia maneira de conseguir dar o nó. O doutor Augusto Mendes acabou de lavar as mãos, secou-as numa toalha branca, esperou que o Celestino voltasse a guardar o lenço dentro do bolso e, assim que se virou, perguntou-lhe: «Celestino, és um homem religioso?»

Celestino parecia não saber o que responder. O doutor Augusto Mendes insistiu: «És temente a Deus? Vais à missa aos domingos?»

Celestino disse que não, que tinha ido uma vez quando era miúdo, mais nada. Nem à missa, nem à escola.

«E de futebol, gostas de futebol?», perguntou-lhe o doutor Augusto Mendes.

Celestino encolheu os ombros e abanou a cabeça, como se não fizesse a mínima ideia do que fosse o futebol.

Então, o doutor Augusto Mendes sentou-se ao seu lado, pegou numa caneta e num papel, desenhou o retângulo de jogo, posicionou os vinte e dois jogadores, e explicou-lhe o que era o futebol.

Depois, disse: «Tenho um terreno, perto daqui, onde gostava de fazer um campo de futebol. É preciso arrancar as ervas, tirar as pedras, talvez alisá-lo, colocar areia, fazer as balizas, as marcações. É trabalho para uns bons meses. É o trabalho que te estou a oferecer.»

O doutor Augusto Mendes aguardou pela resposta do Celestino, mas, como a resposta tardava em chegar, continuou: «Em troca, pago-te uma boa jorna e podes ficar a viver na casa onde agora estás, até teres dinheiro para comprar a tua, ou até te decidires a ir embora.»

Celestino continuava sem esboçar a mínima reação, de olho posto no papel onde se encontrava desenhado o campo de futebol com os vinte e dois jogadores.

«Peço-te só uma coisa», prosseguiu o doutor Augusto Mendes, «que passes a ir, todos os domingos, à missa». Celestino ergueu a cabeça, olhou o doutor Augusto Mendes e perguntou-lhe porque é que estava a fazer aquilo tudo por ele.

«Porque desde pequeno que o meu sonho é ter um campo de futebol», riu-se. E depois disse: «Mas ficas avisado: se um dia destes aparecer por aí a Guarda à procura de um homem sem um olho, levo-os direitinhos a ti.»

O Celestino anuiu com a cabeça e, quando se preparava para se levantar, o doutor Augusto Mendes interrompeu-o: «Espera lá, que ainda não acabou a consulta.»

De dentro de uma das gavetas da secretária tirou uma caixa de madeira. Era uma caixa retangular, com um fecho pequenino e dourado. Abriu-a. No interior, sobre o forro aveludado, embutida numa concavidade, repousava uma esfera de vidro. Ao lado da esfera de vidro, havia ainda uma outra concavidade que se encontrava vazia. O doutor Augusto Mendes aproximou-se do Celestino, puxou-lhe a pálpebra direita para cima e introduziu a esfera de vidro na cavidade ocular. Tal como suspeitara, assentava-lhe na perfeição: o tamanho, a forma, a cor.

O Celestino levantou-se e plantou-se, incrédulo, em frente do espelho. Vendo a simetria devolvida ao rosto, esboçou um largo sorriso. Disse: «Oh, doutor, até parece que já vejo melhor.»

«É capaz, Celestino, é capaz», respondeu o doutor Augusto Mendes.

E, enquanto o outro se mirava ao espelho, o ilustre médico descobria, naquele homem vindo sabem Deus e o Diabo donde, talvez das margens do Guadiana pela forma de falar, naquele desgraçado que não tinha onde cair morto e que talvez por isso mesmo caíra ali, um inesperado reflexo de si próprio. É que, enquanto Celestino se mirava ao espelho, de sorriso estampado no rosto, e dizia «Oh, doutor, até parece que já vejo melhor», não era porque, graças ao olho postiço, tivesse passado a ver melhor, mas porque a imagem que o espelho lhe devolvia se assemelhava à lembrança que tinha de si próprio. Era, por isso, uma ilusão. Uma ilusão que tinha, por um lado, a capacidade de lhe restituir a identidade mas, ao mesmo tempo, a capacidade de lha ocultar.

Tanto assim era que o doutor Augusto Mendes disse, meio a rir, meio a sério: «Celestino, a partir de agora, se vier aí a Guarda perguntar por um homem sem um olho, já lhes posso dizer que não sei de quem se trata.»

E foi sobre essa ilusão que assentou o resto da vida de Celestino.

Quase quarenta anos depois, sentado no cadeirão de verga, a fumar cachimbo, olhando as árvores que recortavam o céu como fantasmas, o doutor Augusto Mendes repetia a resposta de Celestino: «Azares da vida.»

Azares da vida, companheiro. Deram contigo. Apanharam-te. Quase quarenta anos. Já não foi mau. Nada mau, tendo em conta o estado em que aqui chegaste. Nada mau, mesmo. Quem dera a muitos.

A noite arrefecia. O doutor Augusto Mendes voltou para dentro de casa e ligou a televisão. Aguardou alguns

segundos até a imagem aparecer. No ecrã, o recém-empossado Presidente da Junta de Salvação Nacional, o general António de Spínola, preparava-se para se dirigir ao País. Dois homens à sua esquerda. Três homens à sua direita. Tudo gente das cavalarias, das armadas, dos esquadrões. Gente séria, com toda a certeza. Estamos bem entregues. Diversidade nos penteados, pelo menos. Já é um começo, já é um começo.

«Graças a Deus», pensou ainda o doutor Augusto Mendes, dirigindo-se ao recém-empossado Presidente da Junta de Salvação Nacional, «tiveste o bom senso de não aparecer com o teu ridículo monóculo. Ou as letrinhas do comunicado são assim tão miudinhas? Não me digas que te viste obrigado, à última da hora, a usar os óculos de ver ao perto? Não acredito. Ai, deves ter ficado tão fodido quando percebeste que não podias aparecer neste momento histórico com o teu ridículo monóculo. Quem é que escreveu esta merda? Só vejo mosquitos, porra. Tragam-me os óculos».

O doutor Augusto Mendes deu uma valente gargalhada. Uma gargalhada que ecoou pela casa e lhe devolveu, mais uma vez, a imagem de Celestino. Não a do Celestino morto, no chão, com a cara crivada de chumbos. Mas a do Celestino a olhar-se ao espelho, a contemplar-se, pela primeira vez, com o olho postiço. Um olho postiço que lhe assentava que era uma maravilha.

«Oh, doutor, até parece que já vejo melhor.»

«É capaz, Celestino, é capaz.»

Era tarde. O País estava bem entregue e era tarde. Demasiado tarde para um velho. Desligou a televisão. Lembrou-se do filho. Lembrou-se do neto. Lembrou-se da nora. Apagou as luzes. Subiu as escadas. Entrou no quarto. Sacou do revólver que tinha as suas iniciais gravadas no punho. Guardou-o na gaveta da mesinha de cabeceira. Fechou a gaveta à chave. Colocou a chave debaixo da almofada.

A mulher, em paz com Deus e com o mundo, dormia tranquilamente. Apontou o despertador para as sete e meia. Enquanto se descalçava, deu-se conta de que tinha as meias empastadas de sangue.

Lá fora, uma algazarra de gatos.

O peso das mãos num sábado chuvoso em Queluz

Pousou a mão direita sobre o prato da balança e perguntou: «Mãe, quanto pesa a minha mão?»

Haviam passado sete dias desde que começara a chover, mas graças aos telhados, aos beirais, aos algerozes, às sarjetas, às intrincadas redes de canais subterrâneos que formavam aquilo a que se costuma chamar saneamento básico, graças até à própria morfologia do bairro que antes de ser bairro havia sido apenas um monte, sete dias consecutivos a chover não tinham provocado danos materiais dignos de registo.

Até porque não havia vento. E chuva batida a vento já se sabia. Mas aquela não. Aquela parecia escorrer do céu por invisíveis fios de prumo. Deixava-se cair, simplesmente, sem estrondo. Sem piruetas. Sem alvoroços. Discretíssima. Um ruído de fundo, apenas. Monótono. Quase um silêncio.

Para melhor entender essa chuva, bastava prestar atenção a certos olhares que, de vez em quando, se assomavam às janelas das marquises. Ou às vitrinas dos cafés. Ou debaixo dos toldos. Ou de algum varandim que servisse de abrigo por breves instantes. Olhares que já não procuravam uma nesga de céu azul, uma súbita aberta, um desanuviar momentâneo, mas a plena confirmação de que tudo continuava na mesma. Como se dessa imutabilidade pudesse resultar uma paz interior.

Ao sétimo dia, era sábado, e a mãe explicou-lhe que não era possível pesar uma mão. Só se a separássemos do resto do corpo, o que não era boa ideia. Por isso, o que o ponteiro vermelho indicava não era o peso da mão, mas a força que ela estava a fazer.

Ouvindo isto, Duarte fez força sobre o prato da balança, até o ponteiro dar quase uma volta completa, e perguntou à mãe se aquilo era muita força. A mãe respondeu que sim, que era muita força, que o seu filho lindo era muito forte. Depois, deu-lhe duas tabletes de chocolate e pediu-lhe para as partir aos pedacinhos, e para ir juntando os pedacinhos todos em cima do prato da balança, até o ponteiro chegar à marca dos trezentos gramas: «Trezentos gramas é aqui.»

Duarte cumpriu as indicações à risca e, a seguir, fez o mesmo com a manteiga e o açúcar: trezentos gramas de manteiga, trezentos gramas de açúcar.

Perguntou: «Mãe, achas que a minha mão também pesa trezentos gramas?»

A mãe segurou-lhe na mão e disse que talvez pesasse um bocadinho menos. Para aí uns cento e cinquenta ou duzentos gramas. Largou-lhe a mão e deitou a manteiga e o açúcar para dentro de uma *tupperware* verde em forma de abóbada, e pediu-lhe que os misturasse.

Duarte percebeu que era difícil misturar a manteiga e o açúcar, e pensou que talvez não fosse assim tão forte como a mãe dizia.

Perante o seu momentâneo desânimo, a mãe encheu uma panela com água e deu-lhe nove ovos. Disse: «Põe os ovos, um a um, dentro de água, com cuidado para não se partirem. Os que forem ao fundo, estão bons, os que vierem acima, estão estragados.»

Duarte perguntou se não deveria ser ao contrário: os maus a irem ao fundo e os bons a nadarem.

A mãe riu-se: «Não, os bons vão ao fundo.»

Apenas um dos ovos suscitou dúvidas a Duarte. Não que estivesse a boiar à tona da água, mas também não se afundara com a determinação dos outros. Pediu a opinião da mãe, que achou que aquele ovo era só um bocadinho mais preguiçoso do que os outros.

Duarte saltou do banco e foi à sala contar ao pai que descobrira um ovo preguiçoso.